

COMO LER A BÍBLIA

Você vê na Televisão: Novelas
 Filmes
 Documentários
 Shows musicais
 Noticiários
 Esportes – futebol, vôlei, corrida de automóveis
 Entrevistas
 Programas humorísticos
 Orações – Missas – Terços - Curas
 Propaganda política
 Propaganda comercial
 Desenhos

É tudo a mesma coisa?

Você vê a novela ou a propaganda da mesma forma como vê um documentário, uma entrevista ou um acontecimento ao vivo? Tudo pretende apenas entreter ou distrair, informar sobre os acontecimentos, fortalecer a fé dos telespectadores?

ASSIM TAMBÉM NA BÍBLIA

Há Novelas
 Poemas épicos
 Poemas de amor
 Estórias de heróis (sagas)
 Leis apodícticas (Dt 23,14) e casuísticas (Dt 24,1-4)
 Orações em prosa e em verso
 Parábolas e alegorias
 Narrativas etiológicas
 Oráculos
 Pregações
 Discursos
 E outros

Só não há História e Ciência.

*A gente lê a Bíblia não para se informar, mas para se preparar para praticar o bem
 (2Tm 3,17)*

FORMAS OU GÊNEROS LITERÁRIOS

Se Platão disse: “Aquele lá é mentiroso como um poeta!”, isso depende do ponto de vista. A linguagem fria e técnica das ciências é insossa, sem sabor, e pode também esconder inúmeras mentiras. Todos nós somos poetas, ninguém gosta de só falar só a verdade fria e tecnicamente, sem o calor de certo exagero, sem um pingo de malícia, sem uma pitada ao menos de humor. Isso deve ser chamado de mentira? Sem esse tipo de mentiras, ninguém vive nem comunica verdade alguma.

Assim também é a Bíblia, ela fala como gente e não feito máquina, ela não é um livro de ciências nem um código de leis ou catecismo de doutrinas. Comparando com a televisão, ela não é uma transmissão ao vivo, nem documentário, nem reportagem, nem jornal ou noticiário, ela pode se parecer mais com uma novela ou um filme.

Um amigo meu, há muitos anos atrás, assistia o filme Love Story. O cinema cheio, a certa altura, alguns começaram a chorar e o choro foi contagiando o cinema inteiro. Ele, então, gritou: “É de mentirinha! Não precisa chorar, não!” Quem estava certo, ele ou as pessoas que choravam? Qual era a verdade do filme?

Não podemos fazer isso com a Bíblia. Nela encontramos muitas formas, estilos ou gêneros literários, desde ditados populares, novelas, poemas de dor e de esperança, poemas de amor, histórias de heróis, lendas populares, parábolas, alegorias, advertências e denúncias, legislações, orações em prosa e em verso etc. etc.. Cada coisa deve ser entendida de acordo com seu estilo, com a realidade e as maneiras de pensar do seu tempo.

Assim, não é de espantar, por exemplo, nos poemas de amor do livro dos Cânticos, o amado dizer que sua amada se parece com a égua do faraó (1,9), ou a amada ver seu amado como um veado saltando pelas montanhas (2,8-9). Ninguém hoje obedece a lei de Dt 23,14, que manda cada um ter uma pequena pá para, quando for fazer suas necessidades, sair do acampamento, abrir um buraco e, depois, cobrir as fezes. A pergunta que nos devemos fazer é: “O que é que Deus nos diz com isso?”.

Vejamos alguns estilos ou gêneros literários mais importantes:

RELEITURA OU MIDRASH

A palavra hebraica *midrash* é traduzida pela Bíblia da CNBB como ‘comentário’, enquanto João Ferreira de Almeida traduz por ‘história’ e a Bíblia de Jerusalém não traduz, traz a palavra *midrax*, que explica como sendo mais uma memória histórica do que um comentário bíblico.

A palavra vem do verbo *darash* que significa trilhar, percorrer, procurar. É uma procura do sentido de um texto, de uma tradição, de um mito ou de uma lenda. É o jeito de a Escritura comentar, procurar o sentido da própria Escritura, ou de fazer da Escritura uma procura do sentido do que hoje está acontecendo.

Bom exemplo é o livro de Daniel, que falando da época de Nabucodonosor, que viveu mais de duzentos anos atrás, denuncia a maneira como Antíoco Epifanes perseguia os judeus fiéis, na época em que o livro era escrito.

Alguma coisa semelhante foi feita aqui no Brasil no “Samba do crioulo doido”. A letra faz a maior confusão de personagens e fatos da história do Brasil, cada um figurando mais de um personagem atual, para denunciar o golpe militar de 1964. O título que o crioulo doido deu ao seu samba-enredo foi “Conjuntura Nacional” e, com suas histórias malucas, chega ao primeiro de abril de 64 cantando: “e foi proclamada a escravidão, e foi proclamada a escravidão”. E termina: “o trem tá atrasado ou já passou”.

As tradições

Para mostrar a presença de Deus na realidade atual do povo das comunidades de fé, a Bíblia faz releitura das tradições. Tradições são acontecimentos passados que vinham sendo contados de boca em boca.

Até mesmo os Evangelhos, escritos apenas 40 a 60 anos depois de Jesus, são assim. É o que diz Lucas no início do seu Evangelho: Ele não foi testemunha ocular, quer dizer, não viu nem ouviu Jesus. Os que conviveram com Jesus contavam em suas pregações o que ele fez e falou. Depois outros escreveram o que os primeiros tinham contado. Agora, o evangelista pega isso, reescreve ou faz a releitura dos fatos narrados e põe tudo numa ordem que confirme a fé dos discípulos de hoje (Lc 1,1-4).

Imagine agora a Bíblia contando as histórias de Abraão, Isaque e Jacó, fazendo releitura de tradições de cerca de mil anos atrás. Se quem conta um conto aumenta um ponto, pense naquelas histórias passando de boca em boca por oitocentos, novecentos, mil anos. Nenhum autor dos livros da Bíblia está pensando em dizer exatamente o que aconteceu, isso não é livro de história nem inquérito policial, sua intenção, seu objetivo é outro.

Qual a intenção da Bíblia? É mostrar a presença de Deus na caminhada do seu povo de ontem e de hoje. Por isso Deus sempre fala com os personagens da Bíblia. Será que ele apareceu e mandou Abraão sair de sua terra? Um dos pensamentos mais fortes da Bíblia é que Deus ninguém pode ver, como imaginar, então, que ele pudesse aparecer? Quando a pessoa toma uma decisão iluminada pela sua fé, é Deus que lhe fala. Então também o profeta pode dizer: “Assim diz o SENHOR”. E é da mesma maneira que Deus fala com a gente hoje.

Como é que a gente pode ter certeza de que é isso e não aquilo o que Deus nos fala? Os personagens da Bíblia não tinham dúvida, não erravam. Ou será que erravam? Erravam e se corrigiam. No capítulo 7 do Segundo Livro de Samuel, Davi manifesta ao profeta Natã, seu conselheiro, a idéia de construir uma casa, um templo, onde colocar a arca da aliança. O profeta lhe diz: “Pode fazer. Deus aprova o teu projeto!” Mas à noite, deitado em sua cama, Natã reflete um pouco mais e reconhece que não é essa a vontade de Deus e, de manhã, volta ao palácio do rei para dizer-lhe que Deus não quer que ele lhe construa essa casa.

Os Mitos

A Bíblia faz a releitura não só das tradições, que, mesmo sendo de muitos séculos atrás, falam de gente deste mundo. Os mitos falam de acontecimentos de fora da realidade histórica, fatos que acontecem no mundo dos deuses ou apenas na imaginação do povo que criou o mito. Ao mesmo tempo, os mitos são muito verdadeiros, porque procuram interpretar e dar uma lição oportuna para a realidade humana de hoje.

Nós também temos muitos mitos e lendas, como o saci pererê, lobisomem, mula sem cabeça, além de histórias populares que explicam porque isso é assim ou assado.

A Bíblia faz também a releitura de mitos. O povo da Bíblia viveu neste mundo, estava ligado a outros povos e nações que tinham seus mitos, aliás, todos os povos têm os seus mitos, aquelas histórias imaginárias que explicam a realidade e mostram o seu significado.

O livro do Gênesis do início até o final do capítulo 11 é apenas releitura de mitos dos povos com os quais o povo da Bíblia conviveu. As duas histórias da criação, a dos sete dias e a do homem de barro ligada ao mito do paraíso e do pecado, estão baseadas em mitos diferentes e são releituras desses mitos.

A criação em sete dias é releitura de mitos da criação que falavam de deuses e demônios, de lutas entre eles. Tinham o mundo como coisa má, pois é resultado casual das lutas dos deuses ou criação dos demônios. A releitura que a Bíblia faz desse mito tira deuses e demônios da criação. É o Deus único que manda e as coisas acontecem. Além disso, “E Deus viu que era bom” é uma frase que se repete como o refrão de um cântico ou poema, para combater a idéia de um mundo mau, criação dos demônios. A releitura do mito ainda ajuda a defender a necessidade do descanso semanal e o culto judaico, pois o sol, a lua e as estrelas não são deuses, mas foram criados pelo Deus único para marcar as datas do calendário religioso.

A releitura de outros mitos como o do ser humano único depois separado em mulher e homem, com o mito do paraíso, do pecado e da perda do paraíso interpreta a realidade vivida na época do escrito e projeta luz para toda a história da humanidade. Quando o ser humano (uma

pelota de barro) quer se tornar um deus, ele destrói o paraíso, acaba com a felicidade criada e querida por Deus.

As outras histórias que se encontram nos onze primeiros capítulos do Gênesis, como a dos gigantes que habitavam a terra, a do dilúvio e da arca de Noé, a da torre de Babel são também releituras de mitos antigos.

ESTILO ALIANÇA

Em tempos muito antigos, quando os reis faziam alianças entre si, era seguido sempre um mesmo esquema. Hoje também, os contratos feitos em cartório têm uma mesma estrutura e seguem um mesmo ritual.

Os antigos contratos ou alianças seguiam este esquema e ritual:

- a) Nomes dos contratantes, ou reis que fazem aliança
- b) Prólogo histórico que, quando um rei impunha ao outro o contrato ou aliança, sempre começava assim: “Você viu o que eu lhe fiz!” Muitas vezes eram estas as afirmações: ‘Eu lhe dei casas que você não construiu, dei-lhe lavouras que você não plantou’ etc.
- c) Estipulações gerais tipo: “Você será amigo dos meus amigos e inimigo dos meus inimigos!”
- d) Estipulações particulares eram as determinações mais concretas.
- e) Bênçãos e maldições para quem cumprir ou deixar de cumprir.
- f) Invocação dos deuses para garantir o cumprimento da aliança.
- g) Ritual de sangue ou morte como ameaça velada para quem não cumprir. Esse ritual geralmente consistia em dividir pelo meio alguns animais e passar entre as duas metades pronunciando as maldições, como se dissesse: “Que eu seja partido ao meio, se não cumprir.”
- h) Os termos da aliança devem ser passados por escrito.

Encontramos muitos desses elementos na Bíblia. A proposta da Aliança do Sinai (Ex 19,4) começa exatamente assim: “Vistes o que fiz aos egípcios e como vos...”. Isso pode ser considerado o ponto de partida de todas as histórias da Bíblia. Ao fazer aliança com o povo, Deus lembra o passado tudo o que aconteceu e que tudo aquilo significa o amor de Deus pelo povo. Javé estava com o povo quando ele saiu do Egito, assim estava também no passado mais remoto lembrado nas velhas tradições e até nos mitos da criação. Leia o Salmo 136 (135).

A estipulação geral da Aliança de Javé com o Povo se encontra num refrão insistentemente repetido por toda a Bíblia: “Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”.

As estipulações particulares estão nos mandamentos, que têm seu estilo particular e vão merecer uma observação especial.

Bênçãos e maldições se encontram também frequentemente, até mesmo nos Evangelhos. As bem-aventuranças em Mateus colocam o sermão da montanha (capítulos 5-7) no contexto da aliança e as Bem-aventuranças e os Aíis ou maldições (Lc 6,17-49) abrem o correspondente sermão da planície no Evangelho de Lucas.

No episódio do Lava-pés (Jo 13), Jesus levanta-se da ceia, enquanto os discípulos continuam sentados ou reclinados, como era de costume. O senhor fica sentado ou reclinado, enquanto o escravo ou empregado fica de pé para servir, como um garçom num restaurante. De pé, Jesus prende uma toalha à cintura como se fosse um avental, põe água numa bacia e lava os pés aos discípulos, como era dever dos escravos. Depois diz: “Vocês viram o que eu lhes fiz? Vocês me chamam de Mestre e Senhor e eu sou mesmo, então vocês devem fazer como eu fiz.”

Aqui já temos o nome ou os títulos (Mestre e Senhor), o prólogo histórico (“vocês viram o que eu fiz”) e a estipulação geral: fazer como Jesus fez. As estipulações particulares, ou mandamentos, se resumem numa só: amar do jeito que ele amou, dando a vida pelos amigos, que é o tema inicial de todo o longo discurso da Ceia.

O rito de passar entre metades de animais divididos ao meio aparece na Aliança de Deus com Abraão (Gn 15,17). Uma tocha de fogo que passa entre as metades de animais representa Javé confirmando a aliança.

Moisés, na conclusão da aliança do Sinai (Ex 24), derrama metade do sangue sobre o altar e asperge a outra metade sobre o povo dizendo: “Este é o sangue da aliança que Javé faz com vocês”.

O rito de morte ou de sangue, que garantia a aliança, é lembrado por Jesus na última Ceia, quando ele diz: “este cálice é a Nova Aliança *selada* com o meu sangue”.

O texto escrito da Primeira e da Segunda Alianças resultou na Bíblia.

LEIS OU ENSINAMENTOS

A palavra 'Lei' traduz mal a palavra hebraica *torah*, que quer dizer mais propriamente ensinamento, instrução, orientação. Era tarefa dos sacerdotes instruir o povo, como era função dos governantes fazer o julgamento e missão do profeta proclamar suas visões ou oráculos divinos.

Assim é que na época de Miquéias (3,11): *Seus chefes dão sentenças a troco de uma propina, seus sacerdotes instruem em vista do lucro, seus profetas advinham por dinheiro*. E na época de Ezequiel (7,26): *reclamarão visões do profeta, estarão em falta a doutrina do sacerdote e o conselho dos anciãos*.

As “leis” da Bíblia, portanto, são mais instruções ou orientações do que leis propriamente ditas. O seu conjunto não se parece com um código de leis como o Código de Direito Canônico, Código Civil, Código Penal e outros. Pequenos conjuntos estão colocados lado a lado, aliás, sem muita ordem. Além disso, há várias repetições e diferentes apresentações das mesmas “leis”.

Leis dos acampados e leis dos sedentários

Algumas normas ou leis são mais antigas e refletem o tempo em que o povo viveu como nômade, morando em acampamentos e cuidando apenas de ovelhas e cabras. Outras normas são mais recentes e mostram que o povo já desenvolvia a agricultura, criava gado de porte maior e morava em casas e cidades, já se havia tornado sedentário.

Das primeiras é um bom exemplo a determinação de Dt 23,13-14, que manda cada um ter uma pequena pá para que, quando for fazer suas necessidades, saia do acampamento e depois cubra de terra as fezes.

As “leis” que falam de bois, de casas e de cidades devem ser de um período mais recente, quando o povo passou de nômade a sedentário, a morar em casas em vez de barracas e a ter vacas e bois em lugar ou além de apenas ovelhas e cabras.

Isso mostra que muitas dessas “leis” têm um valor relativo e que valem mais pelo seu significado do que por aquilo que diretamente dizem. Aliás, o próprio Jesus fala disso, quando vão lhe perguntar se o marido, segundo Deuteronômio 24,1-4, pode repudiar ou despedir a esposa por qualquer motivo. Ele responde: “Moisés deu essa lei por causa da cabeça dura de vocês.” (Mt 19,8).

Leis apodíticas e leis casuísticas

Apodíticas são as leis que apenas determinam o que se deve fazer ou deixar de fazer, como os dez mandamentos. Frequentemente elas dão as razões pelas quais a lei é dada. Comparando Êxodo 20 com Deuteronômio 5: em Ex. 20,8-11 a principal razão pela qual se deve guardar o sábado é que Deus também descansou no sétimo dia; já em Dt 5,12-15 a razão do descanso semanal é lembrar que Deus tirou o povo da escravidão.

Não só os mandamentos são leis apodíticas. Apodíticas são também leis como a que proíbe ao proprietário fazer a cata em sua lavoura, o que ficou na árvore ou caiu no chão pertence

aos pobres, ou a lei que proíbe amordaçar o boi que trilha o trigo. S. Paulo (1Co 9) diz que essa lei não está tão preocupada com os bois, refere-se aos seres humanos, quem trabalha deve viver desse trabalho, o missionário pode viver da missão.

Leis casuísticas são aquelas que começam com um “quando” ou um “se”. Apresentam primeiro um fato ou caso e terminam dizendo qual deve ser a solução. É, por exemplo, o caso de Dt 24,1-4: a mulher casada, despedida pelo marido, que lhe deu “a carta de repúdio”, que depois se casa com outro, depois com outro e, se ficar viúva ou for despedida, quiser voltar ao primeiro marido, não poderá fazê-lo. Como foi dito acima, o próprio Jesus diz que essa lei é relativa.

Como essa, há muitas, basta folhear Êxodo, Levítico, Números ou Deuteronômio, que inúmeros desses exemplos serão encontrados.

Lei do talião

Entre as leis casuísticas é clássica a lei do talião. É uma lei mais antiga do que a Bíblia e regula o castigo como vingança: talião vem da palavra ‘tal’: só tal e qual o agressor fez à vítima será feito ao agressor. À guisa de exemplo serve a bem conhecida palavra do Evangelho segundo Mateus que cita essa lei (Mt 5,38): *foi dito aos antigos: olho por olho, dente por dente.*

Como a citação de Ex 21,24 em Mt 5,38 pode dar a entender, não se trata de um gesto pessoal de vingança. Esse princípio legal, desde as legislações mais antigas conhecidas, era apenas uma norma para a aplicação da justiça pelas autoridades¹. Fazer justiça plena era entendido como aplicar um castigo igual, tal como o mal causado à vítima.

Originária dessas ordens de idéias havia a figura do ‘redentor’², “vingador de sangue”, ou “fiador”, aquele que não poderia descansar, enquanto não matasse o assassino do seu irmão. Sem justiça completa, não há paz.

Com o decorrer do tempo esse rigor foi cedendo lugar a uma interpretação mais branda, até chegarmos ao Evangelho onde Jesus pode contestar uma idéia de vingança apoiada na Bíblia dizendo: “foi dito aos antigos: ‘olho por olho, ...’, eu, porém, digo”.

No mesmo Evangelho de Mateus, porém, encontram-se estas afirmações “Se tua mão te leva a pecar, corta-a, se teu pé te leva a pecar...”. Elas são semelhantes a normas encontradas no Código Hammurabi como (§ 195) “Se um filho bateu em seu pai: cortarão a sua mão”. Aí ainda está presente a mentalidade da lei do talião.

“Pagar tal e qual” fazia parte do conceito de justiça e, sem que a justiça fosse feita, a vítima não encontraria a paz, que significa sua realização plena³, sempre estaria faltando alguma coisa. Isso se torna ainda mais sério quando pensamos na mentalidade profundamente religiosa, cheia de medos e mistérios do além, que impregnava todos. Quem faz o mal deve pagar tal e qual fez, isso é a justiça e os deuses cobram. E, enquanto não cobram, está havendo uma falha, a vítima não tem paz.

No livro do Apocalipse (6,5-11) ao abrir-se o quinto selo ou lacre do livro da história, são os martirizados, as vítimas do Império, que clamam: “Até quando, Senhor, tardarás em nos fazer justiça, vingando o nosso sangue, contra os cidadãos do Império?”. O sexto selo (12-17) significa essa justiça, essa vingança.

Não admira, então, o lindo poema das saudades de Sião que é o Salmo 137 (136) terminar desejando que alguém pegue as criancinhas dos babilônios e lhes arrebe as cabeças numa pedra. “Se eles fizeram assim com nossos bebês, só teremos paz verdadeira quando alguém fizer a mesma coisa com eles”.

Muito menos podemos nos espantar com o Salmo 83 (82) que pede a Deus o que há de pior para as nações inimigas, nem com o Salmo 109 (108), que também pede a Deus um castigo em regra contra os exploradores dos pobres. No fundo de tudo isso está um pensamento calcado na lei do talião.

¹ É assim no Código Hammurabi (1700 AC) e nas leis de Eshnuna (1800 AC).

² Veja a palavra nos Semitismos Lexicais ou Vocabulário Bíblico.

³ Veja a palavra ‘paz’ no Vocabulário Bíblico.

Lei escrita e Lei oral

Os fariseus do tempo de Jesus veneravam a *torah* oral, ou as antigas tradições, consideradas anteriores à *torah* escrita, a Escritura. Mas só depois da destruição do Templo de Jerusalém, ocorrida no ano 70 da nossa era, nos esforços para a reorganização do judaísmo, os fariseus passaram a falar explicitamente em lei ou *torah* oral. A hipótese é que Moisés tenha dado essas instruções a Josué, que as passou aos mestres de Israel e isso se tornou a “Tradição dos Antigos” como diz Jesus nos Evangelhos.

Segundo os fariseus essa, Tradição dos Antigos ou *torah* oral não se opõe à Escritura, ou Lei escrita, apenas comenta e esclarece. Assim, ela explicita, se é o caso, as ações proibidas no sábado, entre as quais estão amassar, colher, plantar, pegar em armas, andar mais que certa distância etc..

Os Evangelhos, refletindo a polêmica dos cristãos contra os fariseus, criticam violentamente a valorização exagerada dessa *torah* oral. Quando, por exemplo, Jesus amassa um pouco de barro com a sua saliva para curar o cego de nascença (Jo 9), os fariseus dizem que ele não vem de Deus porque é um pecador, não guarda o sábado. Enquanto isso, o próprio cego que passou a enxergar se admira de eles dizerem não saber de onde é esse Jesus.

Um dos pontos fortes da polêmica entre fariseus e saduceus é exatamente a Lei ou *torah* oral. Para os saduceus, só vale a Escritura, a Lei escrita, como também não há ressurreição ou qualquer esperança de outra vida. Os fariseus parecem ser herdeiros dos *hassidim* ou devotos da época dos Macabeus e do Livro de Daniel, onde aparece com clareza a idéia de ressurreição ou nova vida após esta. Devem vir dessa época os princípios fundamentais do farisaísmo e os 603 mandamentos da Lei oral.

ORÁCULOS PROFÉTICOS

Outro gênero ou estilo literário muito comum na Bíblia são as palavras dos Profetas. Profeta é aquele que fala por alguém. É o caso de Ex 4,16: Aarão deve falar por Moisés, ser a sua boca, e Moisés será deus para ele e 7,1: Aarão será profeta de Moisés e Moisés será deus para o faraó. Profeta, então, não é um adivinho ou quem prevê o futuro, é quem fala por outro, no caso, por Deus.

Na Bíblia são conhecidos os Profetas do SENHOR ou de Javé que apenas aparecem nos livros chamados históricos, mas não têm um livro com seu nome, uma coleção de seus oráculos. Elias e Eliseu talvez sejam os mais famosos. É bem conhecido Natã, que era como que um conselheiro de Davi, houve também certo Aías de Silo assim como a profetisa Hulda, além de inúmeros chamados apenas de ‘homens de Deus’.

É do estilo dos profetas iniciar suas falas dizendo: ‘Isto diz o SENHOR’. Não que Deus lhe tenha aparecido ou tenha-lhe sussurrado alguma coisa aos ouvidos. O Profeta sabe interpretar a realidade, sabe ver o que Deus está dizendo nos fatos, naquilo que João XXII chamava de “sinais dos tempos”. Não precisa ver Deus nem ouvir vozes do outro mundo, ele tem toda a segurança de que aquilo é o que Deus quer.

Os autores falam de duas classes de oráculos proféticos: a profecia de salvação e a profecia de condenação. A de condenação tem duas partes: a denúncia dos erros cometidos e a previsão do castigo. Isso é feito de diversas formas, desde as condenações das diversas nações nos primeiros capítulos de Amós, até o belíssimo poema chamado cântico da vinha no capítulo 5 de Isaías.

Os oráculos de salvação só trazem o anúncio da salvação, não trazem outra motivação a não ser o sofrimento do povo e a compaixão de Deus. A salvação é gratuita. Eles se exprimem frequentemente nos mais belos poemas que encontramos em todas as coleções dos profetas chamados escritores.

Eles não falam de Jesus? Não anunciam a chegada do Messias? - Não como se imagina! Sim, muitas vezes eles anunciavam a solução favorável de alguma situação ameaçadora como Is

7,5-9 ou uma grande esperança como Is 11,1-9. Descreviam o que esperavam, de maneira tão grandiosa, que aquilo acabou não se realizando com toda aquela facilidade e perfeição. A esperança ficava, então, para o futuro, como no caso de Is 11,1-9, vista mais tarde como profecia messiânica. A gente deve se perguntar: Jesus realizou plenamente Is 11,1-9? Acabou com situação humana de lobos e cordeiros? Fez com que deixássemos de ser como animais selvagens?

Outras vezes, como nos Cânticos do Servo de Javé (Is. 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12) os estudiosos não conseguem identificar de quem o profeta poeta estava falando, quem é esse que, resistindo à violência sem praticar violência acaba vencendo e tornando-se uma luz para todas as nações. A roupa parece grande demais ou os personagens pequenos demais. Para Jesus essa roupa serve.

Não é necessário que o profeta tenha tido consciência plena e completa de que suas palavras só serviriam mesmo para um messias igual a Jesus, ou que, como alguns ingenuamente imaginam. O profeta não viu nem previu os sofrimentos de Cristo. Os evangelistas é que, para mostrar como Jesus realizou plenamente aquelas palavras, as tinham em mente quando fizeram o relato da paixão.

São textos que só entendemos perfeitamente, pensando em Jesus, só Jesus preenche aquela roupa; por outro lado esses textos é que nos ajudam a entender melhor Jesus e o significado de sua morte. Sem Jesus essas palavras não são plenamente entendidas, sem elas Jesus não é plenamente entendido.

A P O C A L I P S E S

Outro estilo ou gênero literário muito frequente na Bíblia é o apocalipse. Não se trata somente do último livro da Bíblia, o Livro da Revelação ou Apocalipse de João. Por causa dele o estilo ou gênero literário ganhou este nome. É um estilo que vai às últimas consequências.

Os primeiros apocalipses

Apocalipse significa revelação. Consideravam encerrado o tempo dos profetas. Agora Deus não fala mais, o céu está fechado, não há mais revelações de Deus. Mas o que pensar da situação angustiante que o povo vive? Será que Deus nada tem a dizer sobre isso? O céu não se abre novamente?

Surgiram, então, os primeiros apocalipses. Apresentavam-se como revelações de figuras importantes do passado como Enoc, Moisés, Elias, Isaías e outros. Muitos não são canônicos, isto é, não fazem parte da Bíblia, outros como Daniel e Zacarias estão na Bíblia, são canônicos.

Eles, como Daniel, descrevem em forma de visões e imagens, às vezes fabulosas, o que iria acontecer no futuro. Mas, quando os escritos são divulgados esse futuro já é passado. Como no salto de obstáculos, os apocalipses voltam atrás, ao passado de sofrimento e opressão, e mostram como o povo de Deus superou todos os obstáculos passados ou como cada império opressor foi destruído, assim, eles trazem esperança e como que dão o impulso para o povo saltar também os obstáculos presentes.

A linguagem

Como a situação é desesperadora, a linguagem é exagerada, misteriosa e cria uma mistura de símbolos desconexos, que formam imagens fabulosas, que ninguém consegue se figurar ou desenhar.

Nós usamos esse estilo exagerado de falar quando dizemos coisas assim: “Caí das nuvens!”, “O céu caiu na minha cabeça!”, “Desabou tudo!”, “Foi um fim de mundo!”. Ninguém vai cobrar de quem diz uma coisa assim que aquilo tenha acontecido tal e qual. É um jeito de falar que nós usamos.

Essa linguagem ou maneira de falar é usada pelos escritores e cantores nas situações extremas, quando o poder ditatorial está massacrando o povo, quando o povo já não vê uma saída.

Esse estilo foi muito usado, especialmente na música popular brasileira, no período do regime militar, principalmente depois do AI 5. Muitas canções apresentadas nos festivais de

música popular brasileira da TV Record ou nos festivais internacionais da canção da TV Globo falavam frequentemente de um dia que se espera, ou usam figuras como o carcará, espécie de gavião, ou o “boi”, peão que vai a pé, no meio da boiada etc.

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”, quando Chico Buarque a compôs e a apresentou, a música passou pela censura. Depois de gravado e divulgado o disco, foi que os militares descobriram que o “você” da música era o regime militar. Mandaram, então, retirar o disco das lojas, mas as pessoas que o tinham comprado gravavam e passavam para outras. Isso tudo é característico da linguagem apocalíptica.

Aumenta a auto-estima do povo sofredor

O povo está sofrendo, massacrado pelos donos do poder. A linguagem apocalíptica aumenta a auto-estima do povo oprimido, pois o povo simples entende o que diz aquela linguagem, enquanto os opressores não entendem. O povo entende o que significam aqueles sonhos e visões, por exemplo, dos capítulos 7 e 8 de Daniel, enquanto o tirano Antíoco nem toma conhecimento disso.

É pra já

O povo está numa situação extrema, desesperadora, a saída tem de ser encontrada logo, rapidamente. Todas as imagens e figuras, por mais terríveis que sejam, sempre terminam na vitória do povo de Deus, sempre desembocam na salvação, sempre acabam dizendo que os subjugados vão reinar. Isso, entretanto, não pode demorar. É pra já, é urgente, o dia vai chegar em breve, amanhã será outro dia.

Falam do messias e do fim

Os apocalipses anunciam um fim que é um novo começo. Anunciam o fim de uma era de sofrimento e opressão e o começo de uma nova era. Um personagem significa o começo desse novo tempo, é o “filho do homem” de Daniel 7,13, é o Germe de Zacarias 6,12, é o Ungido, o Messias.

O fim anunciado, porém, embora isto não esteja totalmente ausente da perspectiva apocalíptica, não é o fim absoluto da vida humana na terra, como muitas vezes se imagina. Os apocalipses dos Evangelhos sinópticos (Mc 13, Mt 24-25 e Lc 21,5-36), por exemplo, falam da destruição do templo e do fim de Jerusalém, o que, de certo modo, forçou o cristianismo a se espalhar pelo mundo⁴. O cristianismo é filho do judaísmo, foi como se a mãe morresse antes de se cortar o cordão umbilical. Foi, realmente, um ‘fim de mundo’.

O Anticristo

O opressor, seja ele Antíoco Epifanes, Nero ou Domiciano, é o diabo, o satanás, o grande inimigo do povo de Deus. Se nesse tempo de opressão e sofrimento é preciso alimentar uma esperança, o principal causador desse sofrimento acaba se tornando o Malvado ou o Iníquo por excelência, o Antimessias ou Anticristo. Chegar o fundo do poço é esperança de saída. A vinda do Messias, a esperança de salvação, só vai acontecer depois de se identificar o Anticristo.

Tudo isso faz parte da linguagem apocalíptica e jamais deve ser tomado ao pé da letra. Só uma coisa deve ficar bem clara o estilo apocalíptico é utilizado para se anunciar uma esperança e não para amedrontar ou dar um nó nas cabeças das pessoas.

⁴ Marcos 13, 27 se traduzimos por ‘mensageiros’ em vez de ‘anjos’, fica claro que são os discípulos missionários de Jesus que vão recolher outros ‘eleitos’ pelo mundo todo. O v. 30 afirma que o que está dito acontecerá “nesta geração”, isto é, dentro de quarenta anos. A destruição de Jerusalém e do templo ocorreu no ano 70, exatamente quarenta anos depois de Jesus.

A EVOLUÇÃO DA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Até os últimos séculos, antes do chamado “Iluminismo”, não havia grande preocupação com a historicidade exata dos fatos. Lia-se a Bíblia mais para meditar, contemplar, encontrar nos textos mensagens e interpretações da vida e dos problemas atuais, sem crítica, com certa ingenuidade até, ao ver da nossa mentalidade atual.

O “Século das Luzes” mudou a mentalidade. Agora é preciso examinar e considerar tudo do ponto de vista científico. Conseqüência disso, surgiu um movimento de estudo crítico da Bíblia. Agora a Bíblia é apenas um livro antigo, escrito por várias mãos e diferentes mentalidades, durante mais de mil anos. Tem que ser cotejada com o conhecimento que temos da *história* e tem de ser *criticada* literariamente para se descobrirem as várias mãos e os diferentes modos de pensar que influíram em cada parte do escrito. Daí, o método *histórico-crítico*.

E a fé? - A fé atrapalha essa crítica literária e histórica. Deve ser posta de lado, respondiam os iniciadores do novo modo de se ler a Bíblia. Será preciso deixar de lado a fé para poder entender a Bíblia. Isso escandalizou católicos e protestantes.

A reação do protestantismo conservador foi criar o chamado fundamentalismo. Os Protestantes conservadores estabeleceram, num congresso realizado em Niagara, Estado de Nova York (EUA), em 1905, cinco princípios fundamentais (daí o nome fundamentalismo) para a interpretação da Bíblia. O primeiro⁵ desses princípios é o da interpretação literal, ao pé da letra, como se diz, de cada palavra do texto da Bíblia.

A reação católica, o Papa João Paulo II a descreve com muita clareza no discurso em que apresentou o documento da Pontifícia Comissão Bíblica intitulado A Interpretação da Bíblia na Igreja (23/04/93).

Começou com Leão XIII, em abril de 1893, antes, portanto, do protestantismo conservador. Ele publicou a Encíclica *Providentissimus Deus*, na qual diz que se **podem** usar os recursos da ciência moderna, a crítica histórica e literária, na interpretação da Bíblia, mas **com cuidado** para não negar a fé.

Cinquenta anos depois a reação da Igreja diante do método histórico-crítico voltou a se manifestar na Encíclica de Pio XII *Divino afflante Spiritu*. Aí se dá **toda a liberdade** de pesquisa e para o emprego do método histórico-crítico na interpretação da Bíblia.

Agora, cem anos depois de Leão XIII, o Documento da Pontifícia Comissão Bíblica que o Papa apresentava, diz que, na interpretação da Bíblia, **não se pode deixar de utilizar** um método científico e sério como o histórico-crítico. Resumindo: Leão XIII: Pode com cuidado, Pio XII Pode com toda a liberdade, João Paulo II: Deve usar.

O DOCUMENTO DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

Publicado em abril de 1993, o documento tem algumas características próprias. Primeiro, não é assinado pelo Papa. Leão XIII e Pio XII pediram, sem dúvida, a ajuda de especialistas para preparar suas Encíclicas sobre a interpretação da Bíblia, mas eles assinaram os documentos, assumindo-os como coisa sua.

João Paulo II apenas apresentou o Documento atual, que é assinado pela equipe de biblistas que assessora oficialmente a Santa Sé. É vantagem, porque assim o Papa reconhece que não sabe tudo, nem é capaz de descer a detalhes técnicos sobre como interpretar a Bíblia. A outra característica do documento é, exatamente, que chega a esses detalhes técnicos e presta-se ao estudo como excelente introdução à interpretação da Bíblia.

O Documento só rejeita a interpretação ingênua e literal da Bíblia. É a sua característica principal, destacada no discurso do Papa. Abrir a Bíblia ao acaso para achar uma frase que venha a solucionar um problema meu pode ser uma atitude “piedosa” e “atraente”, mas é “uma forma de suicídio do pensamento” (A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA, Paulinas, São Paulo, 1994, p. 86).

⁵ Os outros quatro são: A divindade de Cristo, seu nascimento virginal, a Redenção como satisfação vicária (Jesus morreu em nosso lugar) e a ressurreição (futura e física) da carne.

Essa maneira literal e anticientífica de ler a Bíblia não pode mais ser admitida na Igreja Católica. Nega a verdade da Encarnação, diz o Documento⁶.

E chega a ser uma falta de respeito para com a Palavra de Deus, digo eu. Se você diz “Eu caí das nuvens” e o outro lhe pergunta: “Você estava lá em cima? Não se machucou?” qual a sua reação? Se alguém lhe toma uma frase solta e vem cobrar que você disse aquilo mesmo, sem considerar as circunstâncias e o assunto de que você estava falando, sem levar em conta o restante da conversa, qual a sua reação? A mesma coisa faz com a Palavra de Deus esse modo ingênuo e literal de ler a Bíblia. E isso não é falta de respeito?

Dizer que a interpretação da Bíblia precisa se apoiar em bases científicas, não significa dizer que quem não é um grande historiador, ou um profundo conhecedor de literatura não pode ler a Bíblia. Dona Sebastiana, analfabeta, pedia a uma pessoa alfabetizada que lhe lesse um trecho da Bíblia e ela, analfabeta, explicava. Basta saber bem do que se está falando e ter “malícia” para perceber o que está por trás das palavras, as insinuações, as alusões. O linguajar do povo está cheio disso. Sem sentido duplo não há humor. É preciso uma boa dose de humor para entender a Bíblia.

Métodos e abordagens ou leituras

O Documento da Pontifícia Comissão Bíblica faz uma distinção clara entre métodos e abordagens. **Abordagem** é o lugar por onde a pessoa entra na Bíblia. É uma preocupação definida, que leva a pessoa a procurar aquele tema ou aquele ponto de vista dentro do texto. Exemplo, abordagem feminista, abordagem doutrinal. Se eu vou procurar na Bíblia afirmações ou situações que mostrem qual doutrina ou ensinamento se encontra neste ou naquele trecho, ou se procuro um tema determinado como a vida depois da morte, estou fazendo uma abordagem doutrinal. Se vou procurar tudo quanto se refere à mulher e ao feminino, estou fazendo uma abordagem feminista. A mulher ou a doutrina serão lados diferentes por onde se aborda a Bíblia.

Abordagens existem muitas. Todas válidas e, muitas vezes, preciosas. Basta - segundo o Documento da Pontifícia Comissão Bíblica - que aquele que procura esta ou aquela abordagem tenha consciência de que toda abordagem é limitada. É impossível entrar num barco por todos os lados. Se eu vou procurar só o que se refere à mulher ou à doutrina, ou ao social, ao político, ao econômico etc., encontrarei muita coisa interessante, mas deixarei de ver muitas outras coisas. Quando focalizo um lado, vejo bem o que está ali, mas o restante fica no escuro.

Primeiro, então, precisa ter consciência do próprio limite. Mas ninguém entra na Bíblia por todos os lados. Ninguém vê tudo o que ali está, de uma vez. Então, sempre é necessário escolher uma abordagem ou ter consciência de qual é a abordagem pela qual estou entrando na Bíblia.

Agora, é indispensável que se use um **método** sério e correto. Se não, você escolhe só as frases que servem ao que lhe interessa, tomando-as ao pé da letra. Alguém quer, por exemplo, condenar ou aprovar o culto das imagens. Anota, então, todas as frases que falam disso na Bíblia. Não se interessa e recusa-se até a perguntar por que aquilo é dito dessa ou daquela forma e, mais ainda, ignora inteiramente outras afirmações em sentido diferente ou contrário. Isso chega a ser falta de honestidade.

Daí, a necessidade dos métodos. O Documento se fixa em dois: Histórico-crítico e de Análise Literária. Os dois se complementam.

O Histórico-crítico procura entender o porquê da conversa, como e para quê foi escrito aquele texto.

O de Análise literária vai descobrir a “malícia” do texto, o sentido duplo, as ironias, o humor daquelas frases.

⁶ Tomar as palavras da Bíblia ao pé da letra é o mesmo que imaginar que ela caiu do céu, pronta para resolver qualquer problema. É esquecer o lado humano da Bíblia, esquecer que ela pode usar comparações malucas como “passar o camelo pelo buraco da agulha”, que pode dizer coisas que só valiam para a situação e época em que foram escritas como Dt 23,12-13. É o mesmo que negar que Jesus fosse gente, que sentisse fome, cansaço, raiva, ternura, etc..

O Histórico-crítico desvendou a história de muitos textos da Bíblia, como foram compostos, que outras tradições ou outros documentos o autor daquele texto terá utilizado. Para isso comparou muitos textos. Boa parte da Bíblia acabou dividida em fatias assim: Esta fatia vem daquela tradição, aquela vem de outra, etc.

O de Análise literária considera o texto do jeito que está, como ficou na Bíblia, sem se preocupar se é costura ou não de outros textos ou tradições diferentes. Este é o texto. Vamos descobrir o que ele nos diz!

Tudo isso se pode resumir em duas chaves muito simples:

1. Vidraça versus Espelho

Nenhum escrito da Bíblia é apenas uma janela para o passado. É sempre e muito mais um espelho do que acontecia quando o texto foi escrito. Assim, a pergunta que temos de fazer aos textos da Bíblia não é: Que foi o que aconteceu? Mas deve ser: Que quis dizer o autor ao contar essa estória?

Falando da criação do mundo, contando uma estória dos patriarcas ou um episódio da vida de Jesus, a Bíblia está muito mais interessada em refletir, iluminando o que acontece (ser espelho) do que em mostrar o que aconteceu (ser janela ou vidraça). Lida como espelho do que acontecia quando se escreveu, pode servir de espelho para hoje.

Quanto mais escuro do lado de lá e mais claro do lado de cá, mais a vidraça vira espelho. A Bíblia tem um caráter divino, não como vidraça ou janela para o passado e sim como espelho, não como história ou teses doutrinárias, mas como luz para a vida. “Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra” (2Tm 3,16-17).

2. Pre-texto, texto e contexto

Pre-texto é o que vem antes do texto, é o motivo ou pretexto pelo qual aquilo foi escrito. O texto da Bíblia não caiu do céu como coleção de verdades eternas ou sem tempo. Cada livro, cada episódio, cada oração, poema, discurso, narrativa de um mito ou de uma tradição tem a sua motivação, o seu objetivo, o seu pre-texto.

Para saber o pre-texto de um livro, de uma série de escritos ou de uma unidade qualquer da Bíblia, é importante, por exemplo, ler uma boa e atualizada introdução⁷. No método histórico crítico o pre-texto é importantíssimo, é o pesquisar porque e como aquele texto foi escrito. Sem saber a intenção de quem fala ou escreve é impossível entender suas palavras. Por exemplo, na estória de Caim, fundador de cidade, o objetivo é denunciar as perversidades da nova cultura, a civilização industrial e urbana da era do ferro, o pre-texto é a mudança para pior do “progresso” do tempo de Salomão, quando aquela estória foi escrita.

O **contexto** ajuda a entender o pre-texto. Contexto é o que vem antes e depois do texto que a gente está lendo ou analisando. É covardia tirar uma frase para fora do seu contexto, fora da conversa toda. Por exemplo:

- O carro do João pegou a Maria à porta de sua casa
- Ela se machucou muito? Morreu? Foi parar no Hospital?
- e a levou até a igreja.

⁷ A Bíblia da CNBB tem as introduções mais atualizadas, simples e claras. A B. Pastoral tem ótimas introduções também bastante atualizadas. A Bíblia de Jerusalém, mais extensa e detalhada, tem uma nova edição atualizada. A Bíblia do Peregrino é também excelente. A TEB completa tem também ótimas introduções. A Bíblia da Ave-Maria faz sua leitura com preocupação meramente doutrinal com base fundamentalista. Parou no tempo e ficou desatualizada. Agora uma nova edição foi revista e atualizada.

Quando fazem isso com a gente, dá briga. Ao interpretar qualquer frase ou episódio da Bíblia é preciso ler o que vem antes e o que vem depois, para saber de que realmente se trata, para entender o que o autor quer mesmo dizer. Não fazer isso é faltar ao respeito.

Voltando ao caso de Caim, é preciso ver que ele era agricultor e Abel era pastor, que ele funda a cidade, que, de seus descendentes um era ferreiro, o outro era músico e assim por diante. É preciso ler a estória completa para interpretar.

O **texto** é examinado cuidadosamente pelos métodos de análise literária. Aí cada palavra é importante porque pode ter um grande significado. Caim soa como o bater da marreta na bigorna, o nome de seus descendentes corresponde à profissão de cada um e da descendente mulher só se diz o nome, Noema, que significa atraente, agradável, prazerosa...

Para entender bem o texto é necessário prestar atenção às diversas figuras⁸ que aparecem e ao seu percurso para, então, se deduzir o simbolismo de cada detalhe. Tudo tem significado além da estória. Aí é que Deus fala, como diz o Papa Bento XVI (VERBUM DOMINI, 19):

“Quando esmorece em nós a consciência da inspiração, corre-se o risco de ler a Escritura como objeto de curiosidade histórica e não como obra do Espírito Santo, na qual podemos ouvir a voz do Senhor e conhecer a sua presença na história”.

Assim, **a pergunta que devemos fazer à Bíblia não é o que foi que aconteceu? Mas é o que é que essa estória quer dizer?**

Ainda a estória de Caim: A pergunta que deve ser feita não é “com quem ele se casou?” ou “para quem fundou uma cidade?”. Importa saber Abel, pastor, o que representa, Caim, agricultor, o que representa, a morte do pastor o que representa, a intervenção de Deus o que representa.

Fé e interpretação da Bíblia

Certa vez alguém me perguntou: “A fé ajuda ou atrapalha a entender a Bíblia?” A Fé ajuda. A Bíblia é a herança escrita que muitas comunidades de Fé nos deixaram a nós, herdeiros de sua Fé. A fé com minúscula, a credence, a credulidade, atrapalha e muito.

É muito próprio da credence esta frase: “Deus pode tudo!”. Com essa afirmação escapam de qualquer consideração mais séria e pensam poder justificar tudo como se fosse narrativa histórica simplesmente. No caso de Caim, Deus pode arrumar uma esposa para Caim, Deus pode arrumar gente para morar na cidade que ele fundou, Deus pode fazer um neto seu ser ferreiro, antes da idade do ferro. Tudo isso leva ao absurdo, à falta de sentido. E a história pela história é que acaba ficando sem sentido, sem valor, vazia da presença de Deus, como disse Bento XVI.

Gráfico simplificado e ilustrativo

Tentar resumir uma série de conceitos, noções, procedimentos, diversos e diferentes em poucas linhas claras e nítidas traz a vantagem da clareza, mas traz também o perigo de falsear, caricaturizar e deixar na penumbra detalhes importantes. Consciente deste risco, apresento o gráfico abaixo, preocupado apenas com a clareza. Em cima de idéias claras é mais fácil descer a detalhes. Depois de ver a floresta, ficará mais viável observar cada árvore.

Temos três abordagens e um método. A leitura ou abordagem fundamentalista, está muito próxima da abordagem doutrinal praticada na própria Igreja Católica até o Concílio Vaticano II. É possível, todos concordam, uma abordagem doutrinal que utilize um método correto, sem deslizar para o fundamentalismo.

⁸ Figuras são os personagens, as coisas, os lugares, os momentos, tudo o que entra na estória.

Já o Método Histórico-crítico, no gráfico, inclui também o de Análise literária, pois ambos consideram a Bíblia em primeiro lugar como literatura. A abordagem Pelos 4 lados e qualquer outra abordagem que pretenda ser legítima, deve estar apoiada nos métodos Histórico-crítico e de Análise literária. A ânsia em procurar afirmações que confirmem o que estou querendo que a Bíblia diga pode fazer-me cair no fundamentalismo. É o caso, por exemplo, o culto das imagens, como já dissemos.

Você poderá comparar as diferentes leituras tópico por tópico ou pode analisar cada uma dessas leituras nos diversos itens e verificar sua coerência, verificando também qual combina melhor com sua maneira de pensar.

QUATRO TIPOS DE LEITURA DA BÍBLIA

	<i>Leitura</i> FUNDAMENTALISTA	<i>Leitura</i> DOG MÁTICA <i>Ou Doutrinal</i>	<i>Métodos</i> HISTÓRICO-CRÍTICO e de Análise literária	<i>Leitura</i> PELOS 4 LADOS <i>Sociológica ou da Libertação</i>
TER FÉ	É acreditar que Deus tudo pode e que pode fazer por nós tudo o que quiser.	É aceitar a doutrina correta e sem erros.	É ver Deus presente na História dos homens.	É olhar a vida de hoje com os olhos de Deus.
O TEXTO BÍBLICO	Caiu do céu! É de Deus e nada mais a perguntar!	É fonte de revelação como a <i>tradição doutrinal</i> referendada pelo Magistério Eclesiástico. As duas fontes devem se integrar e completar.	Texto literário popular antigo, formado de velhas tradições orais que tomaram forma escrita e foram agrupadas em unidades maiores.	Memória subversiva dos pobres animados pela Fé. Releitura das tradições populares para responder a todos os (4) lados dos problemas de cada época e situação, numa visão de fé, em conflito com a ideologia dominante.
CRITÉRIOS	“Vale o que está escrito!” Cada palavra da Bíblia é Palavra de Deus e, como Deus, é infalível e imutável!	A tradição, iluminada e referendada pelo Magistério (sã doutrina) é o critério máximo de interpretação da Bíblia.	Espírito crítico (científico) para analisar a literatura que temos em mãos e as circunstâncias daquilo que foi escrito.	A realidade pelos 4 lados (social, econômico, político e ideológico) ilumina a Bíblia e é iluminada pela Bíblia.
OBJETIVO	A leitura da Bíblia deve levar as pessoas a se converterem, comovendo-se diante do poder de Deus e passando a aceitá-lo em suas vidas.	Interpreta-se a Bíblia para mostrar como as duas fontes (Bíblia e tradição) afirmam a mesma doutrina.	Estuda-se a história e a literatura para descobrir a fé das comunidades onde se originou cada escrito.	Iluminar a nossa vida e a do mundo pelos 4 cantos. A Bíblia é luz e luz deve iluminar, não enfeitar simplesmente.

RESUMINDO E COMPLEMENTANDO

Como se deve fazer para conhecer bem uma cidade? O caso do filme Love Story!

CÂNON, INSPIRAÇÃO, VERDADE DA BÍBLIA

Cânon é a relação dos livros considerados Palavra de Deus, Escritura Sagrada ou inspirados por Deus. Foi-se formando ao longo do tempo. Entre os judeus da Palestina e os judeus do mundo grego já havia divergências, alguns livros aceitos pelos gregos não eram aceitos pelos palestinos. Lutero ficou com os palestinos e o Concílio de Trento com os gregos.

Inspiração é a ação de Deus através da ação dos autores dos livros da Bíblia, com todo o respeito pelas condições e limitações dos autores.

Verdade da Bíblia, pelo fato de ser inspirada, a Bíblia não é infalível em termos de verdades teóricas, científicas, históricas etc. Como a TV tem novelas, humor, musicais, noticiários, transmissões ao vivo etc., a Bíblia tem novelas, poesias, estórias de heróis, parábolas ou comparações, ditados populares, só não tem transmissão ao vivo, nem documentários, nem noticiários. Só não tem história e ciência. “Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra” (2Tm 3m16-17).

INTERPRETAÇÃO

Exegese significa explicação, desdobramento. A exegese cuida de explicar um texto, dentro das suas circunstâncias e características, de tudo o que possa fazer entender melhor aquele texto.

Hermenêutica significa interpretação, ir para dentro do texto a fim de trazê-lo para a realidade atual. Seu objetivo é trazer o texto para hoje. Para isso procura entendê-lo no seu contexto, para transferi-lo para o contexto atual.

Abordagens são os pontos de vista pelos quais se entra na Bíblia. Pode ser a fundamentalista ou literalista, a teológico-doutrinal, a sociológica, a da libertação, a feminista ou de gênero, a psicológica e tantas outras. Deixando fora a fundamentalista que nega a utilização de um método sério de interpretação, todas as outras são válidas e preciosas, tanto mais quanto melhor utilizam métodos sérios de investigação.

Métodos são caminhos sérios e testados para se chegar a uma interpretação correta, segura. São basicamente dois: a) O método *histórico-crítico* e b) o de *análise literária*.

O *método histórico-crítico* procura estudar de maneira bem crítica o texto, o contexto e o pré-texto, para chegar a uma interpretação correta. O texto nos leva a estudar a língua, a transmissão do texto, a história da formação daquele texto, o que lhe é mais característico em comparação com outros textos semelhantes ou que lhe estão ligados. O contexto nos leva a perguntar sobre o restante do texto, aquilo que o acompanha, que lhe vem antes e depois, para entender melhor o alcance e os limites do significado do texto. O pré-texto pergunta sobre o que está antes do texto, procura resposta para a pergunta: ‘Por que isso foi escrito?’ Essa pergunta vai levar a muitas outras: Quando foi escrito? Qual o pensamento dominante na época? Qual o pensamento dos autores? Como era a vida e quais eram as preocupações dos primeiros leitores daquele texto? Que problemas ou conflitos havia de ordem social, política, econômica, de vivência comunitária?

O *método de análise literária* pega o texto do jeito que ele está. Preocupa-se apenas em descobrir o que o texto diz por si mesmo. Procura entender como ele foi organizado e como isso ajuda a entender melhor o que está escrito.